



O TÓPOS POÉTICO DA COLMEIA: UMA LEITURA FILOLÓGICA E ECOLINGUÍSTICA DE EXEMPLOS MEDIEVAIS E RENASCENTISTAS

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)

Melyssa Cardozo Silva dos Santos (UFF/CAPES)

Abstract: This article presents a critical-interpretative reading, from an ecolinguistic perspective, of a poetic topos from Classical Antiquity that persisted through the Middle Ages and into the Modern Age: the allegory of the beehive that, through a simile, compares human societies to bees. Originating from Greco-Latin thought and present in ancient Egypt, this analogy will be examined through the perspective of two historical texts from the Western Christian tradition: a medieval Portuguese sermon by St. Anthony of Coimbra (1195? – 1231), and a poetic text by St. José de Anchieta (1534 – 1597), written in 16th century Brazil. Our reflections are ultimately guided by the ecological vision of the 2015 encyclical *Laudato Si'*, which promotes the theme of ecology within the contemporary cultural context of Christianity.

Keywords: Bees; Classical Mythology; Ecolinguistics; Christianity.

Resumo: O presente artigo apresenta uma leitura crítico-interpretativa, sob a perspectiva ecolinguística, de um *tópos* poético da Antiguidade Clássica que chegou à Idade Média e à Idade Moderna: a alegoria da colmeia que compara, por um símile, as sociedades humanas com as abelhas. Oriunda do pensamento greco-latino, presente no Egito antigo, essa analogia será tratada na perspectiva de dois textos históricos da tradição cristã ocidental: um sermão medieval português de S. Antônio de Coimbra (1195? – 1231), e um texto poético de S. José de Anchieta (1534 –

1597), escrito no Brasil do século XVI. Nossas reflexões se pautam, por fim, pela visão ecológica da encíclica *Laudato Si'* de 2015, que divulga o tema da ecologia no contexto cultural do cristianismo contemporaneamente.

Palavras-chave: Abelhas; Mitologia clássica; Ecolinguística; Cristianismo.

1 Introdução: a *Laudato Si'* e uma ideologia ecossistêmica renovada

A reflexão ecológica chegou aos domínios culturais da teologia, de forma mais incisiva e recente, a partir da carta encíclica *Laudato Si' – sobre o cuidado da Casa Comum* (2015), do pontífice Papa Francisco, que representa uma visão de mundo renovada sobre o tema no universo da cristandade sediada em Roma. Apesar da sua aceitação, também das diversas críticas, por sua posição reflexiva e filosófica acerca da questão das mudanças climáticas, a encíclica papal sintetiza o posicionamento de diversos cientistas e acadêmicos, que têm buscado conscientizar, globalmente, a população de um modo geral sobre a necessidade de preservação de ecossistemas, em suas mais variadas formas. A encíclica soma-se aos esforços de ambientalistas e ecologistas, que têm enfrentado resistências de grupos que insistem em teses negacionistas quanto às mudanças climáticas e seu impacto na sociedade.

Essa mudança de paradigma de pensamento, na encíclica papal, retoma um tema de natureza filosófica, que é a base da teoria ecológica: a percepção e a observação das interações do ser humano com o seu meio natural. No parágrafo §11 da encíclica, temos o testemunho de que esse pensamento, em uma perspectiva teológica, é uma retomada, quando o pontífice invoca a filosofia de S. Francisco de Assis (1181/2 – 1226), o fundador da *Ordo Fratrum Minorum* (Ordem dos Irmãos Menores), como sua fonte de reflexões. Ao comentar a influência do pensamento ecológico de cunho franciscano, na encíclica, o pontífice se remete ao conceito de ecologia integral:

11. O seu testemunho [de S. Francisco de Assis] mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exactas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano. Tal como acontece a uma pessoa quando se enamora por outra, a reacção de Francisco, sempre que olhava o sol, a lua ou os minúsculos animais, era cantar, envolvendo no seu louvor todas as outras criaturas (FRANCISCO, 2015, §11, p. 11).

A ecologia integral, nesse modelo de pensamento, é considerada uma transcendência poética, mais do que uma racionalização silenciosa e internalizada, pois como transcendência conecta o ser

ECO-REBEL

humano essencialmente com o sol, a lua, os animais minúsculos a partir do ato de cantar, isto é, vincula o mundo natural à música, a um empirismo sensorial, a uma experiência externalizada do ser humano. Essa visão holística, da relação imanente entre a natureza e a cultura, tornando o ser humano um ente interativo com o seu meio natural, e não um elemento contrastivo, é considerada um pilar para a sustentação de uma filosofia de base ecossistêmica, pois apreende que a cultura está contida na natureza, e dela toma parte, podendo, inclusive, coexistirem ambas, não sendo necessário que a cultura se sobreponha à natureza para adquirir valor de existência. A especulação do pontífice na encíclica devotada à Casa Comum vai mais além, ao propor no exemplo de S. Francisco não só um modelo exemplar a seguir, mas um ponto de partida para a renovação dos hábitos e condicionamentos humanos, em perspectiva individual e social, isto é, uma nova moral, de cunho ecológico (SIQUEIRA, 2016).

O exemplo de S. Francisco é apresentado, simbolicamente, como um comportamento ecológico, que via em todos os seres naturais uma motivação para a existência, seu exemplo é tomado como fundamento da percepção ecossistêmica da realidade humana:

Entrava [S. Francisco de Assis] em comunicação com toda a criação, chegando mesmo a pregar às flores “convidando-as a louvar o Senhor, como se gozassem do dom da razão”. A sua reacção ultrapassava de longe uma mera avaliação intelectual ou um cálculo económico, porque, para ele, qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe (FRANCISCO, 2015, §11, p. 11).

Esse cuidado da natureza era uma extensão necessária do cuidado de si, e do cuidado do próximo, tema de profunda relevância no debate filosófico do cristianismo, não só na corrente filosófica franciscana, mas em toda a sua base doutrinal. A extensão do amor ao próximo para “qualquer criatura”, isto é, para qualquer espécie viva, vegetal ou animal, é o que aproxima o seu pensamento filosófico medieval da ecologia contemporânea, embasada por métodos científicos, mesmo assim ainda holística, em sua essência. Por fim, nesse relato ecológico, pautado pela filosofia medieval de S. Francisco, há ainda o registro de uma interpretação dada por um discípulo, o teólogo e filósofo S. Boaventura (1221 – 1274), que reafirmou o pensamento franciscano, segundo a encíclica:

ECO-REBEL

São Boaventura, seu discípulo, contava que ele, “enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas – por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs” (FRANCISCO, 2015, §11, p. 11).

Ao mesmo tempo, essa dimensão holística do pensamento filosófico de cunho ecológico pressupõe uma integração entre a ideia racional e a interpretação dos sentimentos, isto é, um equilíbrio entre o racionalismo e o empirismo, na compreensão do mundo físico, ou natural, a fim de que não se torne esta uma percepção do mundo natural apenas por um viés romântico, distante, ou mesmo idealizado. A natureza, em sua diversidade, não deve ser percebida como um mero instrumento humano, para a dominação ou exploração, mas uma riqueza já existente por si só, cuja beleza deve ser admirada, preservada e usufruída em comunhão, como registra a encíclica papal:

Esta convicção não pode ser desvalorizada como romantismo irracional, pois influi nas opções que determinam o nosso comportamento. Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objecto de uso e domínio (FRANCISCO, 2015, §11, p. 11-12).

Essas reflexões iniciais, de cunho filosófico e teológico, acerca da relação com a natureza, servem-nos de método para iniciarmos nosso debate acerca de um *tópos* clássico e humanístico da poesia épica: as alegorias da colmeia e das abelhas em poemas e textos em prosa de tradições culturais diversas, da qual selecionamos dois exemplos. Tratados como símiles, pela tradição interpretativa da poética clássica, as alegorias que metaforizam as colmeias com sociedades humanas ficaram registradas nas épicas clássicas de Homero e de Virgílio (HEIST, 2016), na recepção medieval da teologia franciscana de S. Antônio de Coimbra (1195? – 1231), e na cultura humanística da poética renascentista de S. José de Anchieta (1534 – 1597), os dois últimos exemplos que buscaremos analisar em seguida.

2. Recepção do símbolo da abelha na Idade Média e no Renascimento: exemplos

A fim de analisarmos a alegoria simbólica que compara as sociedades humanas às abelhas, convém antes estabelecermos em que domínios ocorrem essas operações ecolinguísticas de representação do mundo natural pela arte poética. Esse processo que acumula as experiências do meio ambiente natural (MA – Nat), apreendidos pela observação humana, tornam-se símbolos alegóricos, na linguagem, processada no meio ambiente mental (MA – Ment), isto é, na consciência poética do ser humano que abstrai um sentido da observação das abelhas, formando a analogia com o seu meio ambiente social (MA – Soc). Esse circuito que marca uma gradação da presença natural das abelhas, da observação humana, e posteriormente, a analogia com a sua própria sociedade só é possível de ser compreendido pela análise do Ecosistema Fundamental da Língua (EFL), formado pelos elementos fundamentais: língua (L), povo (P) e território (T).

Como teorizou Couto:

O MA mental é constituído pela infraestrutura cerebral e os processos mentais que entram em ação na aquisição, armazenamento e processamento da linguagem. O MA natural é constituído pelo entorno físico da linguagem, que inclui não só o território, mas também o ar, as águas, os corpos celestes e, não menos importante, os corpos físicos dos membros de P. O MA social é constituído dos membros de P organizados socialmente. (COUTO, 2007, p. 20)

As abelhas surgiram no mundo há cerca de 120 milhões de anos, no período do Cretáceo, tendo favorecido a disseminação das plantas com flores, pois eram polinizadoras da flora. Já a espécie humana moderna é muito mais recente, tendo surgido há cerca de 200 mil anos, na África. Dessa forma, o MA – Nat já estava formado há muito tempo, quando as primeiras sociedades humanas se organizaram, e a presença das abelhas, como insetos sociais, já era uma realidade estabelecida. Podemos perceber, simbolicamente, as abelhas como seres dotados de consciência, nos termos ecoteológicos apresentados por Leonardo Boff: “O universo culmina em cada um na forma de consciência” (BOFF, 2015, p. 267), em uma consciência que foi observada simbolicamente por diversas culturas humanas.

O registro das abelhas no ideário linguístico, e nos símbolos sociais humanos, é bem antigo. No Egito, já havia um hieróglifo que representava a abelha como a coroa do reino do Sul, o termo “**nswt-bjtj*” (o senhor do junco e da abelha, rei do Alto e do Baixo Egito), era considerado um

ECO-REBEL

prenome real, isto é, um nome de trono, ou de cartucho, empregado com os antigos dirigentes da sociedade egípcia (MUKSAWA, 2023). Na filosofia grega, tanto Platão quanto Aristóteles referem-se à abelha e à colmeia como metáforas das sociedades humanas, cujos atributos, sobretudo o mel, as vinculava ao mundo sagrado.

Mesmo após a Antiguidade Clássica, do Egito, da Grécia e da Roma antigas, a alegoria simbólica que relacionava as abelhas, e as colmeias, com as cidades-Estado permaneceu como uma marca de sacralização das sociedades humanas, que costumeiramente vinculou as abelhas ao gênero feminino, assim, essa tradição contínua perdurou no imaginário do mundo ocidental, mesmo em culturas e sociedades diversas. Em outros contextos históricos e sociais, esse *tópos* cultural foi retomado, e selecionamos dois exemplos da recepção posterior dessas interações, que podemos supor de relativa base ecolinguística, e podem nos auxiliar a compreender a percepção do mundo natural por um processo simbólico, na relação entre a língua e o meio ambiente.

O primeiro exemplo textual sobre essa recepção de concepções de mundo natural, e do gênero feminino, a ser analisado é medieval, derivado de um texto português, o *Sermão de S. Antônio: a purificação de Nossa Senhora (In Festo Purificationis Beatae Mariae Virginis)*, um sermão franciscano de S. Antônio de Coimbra, escrito em latim medieval, sobre uma temática teológica e sacralizada, em que a imagem da abelha é retomada, agora para a imanência de Nossa Senhora, na tradição cultural cristã da Idade Média. O segundo exemplo textual a ser analisado é do período do Renascimento, de um texto quinhentista registrado no manuscrito de Algorta: o poema *De Gestis Mendi de Saa* (Os feitos de Mem de Sá), que conserva obras escritas no Brasil do século XVI, em latim, na tradição humanística do período colonial, tendo a autoria do missionário e humanista S. José de Anchieta. Devemos lembrar que as velas, tão importantes nas tradições cristãs, eram feitas de cera de abelha (*cera* em latim, em grego *kyrion*), o que conecta novamente as abelhas às práticas sociais, tendo em vista que era comum mosteiros medievais cultivarem a criação dos insetos, para uso de sua cera e mel (CHAN, 2021).

Uma das primeiras menções à simbologia da colmeia e das abelhas na cultura cristã medieval latina se dá na iconografia e na hagiografia de S. Ambrósio (c. 340 – 397), em que a colmeia surge como símbolo da Igreja, enquanto a abelha como símbolo do cristão, nessa alegoria não há o *locus* para o gênero feminino, tendo sido a colmeia apenas referida como símbolo da comunidade que formava os grupos cristãos medievais. Em sua alegoria medieval, o mel é tratado como a oratória cristã, e o ferrão da abelha como a justiça, empregada no sentido da doutrinação da fé (CHAN,

2021). A vinculação da abelha e da colmeia, representantes do mundo natural, com o gênero feminino não teve continuidade nesse pensamento de um dos Doutores da Igreja, durante a Alta Idade Média europeia, todavia, houve uma recepção da identidade feminina na devoção à Maria, que já despontava nesse contexto cultural, como nos indicam os estudos teológicos de Mariologia (CHAN, 2021).

Em uma tradição posterior, em Portugal na Baixa Idade Média, em que é registrado o sermão sobre a festa da Purificação de Nossa de Senhora, do franciscano S. Antônio de Coimbra, temos o registro de uma tradição popular judaica que foi cristianizada, na Festa da Purificação da Virgem Maria, que ocorria tradicionalmente no dia 2 de fevereiro no contexto europeu, inclusive em Portugal; essa festa foi um tema do sermão do frade franciscano, que debatia o sentido místico e teológico da simbologia dessa tradição. O enredo desta tradição cristã deriva de uma passagem bíblica, que é o momento em que Maria apresenta Jesus no templo de Jerusalém, com cerca de quarenta dias de vida, por terem vivido na tradição judaica sob a lei mosaica. Para que Maria pudesse ingressar no templo, deveria se purificar, conforme as leis judaicas, e a festividade no dia 2 de fevereiro renovava o conhecimento desse episódio, celebrado cerca de quarenta dias após o nascimento de Jesus, no Natal.

3. A abelha e Maria, no sermão de S. Antônio (séc. XIII)

O *Sermão de S. Antônio: a purificação de Nossa Senhora* inicia-se com a contextualização da cena cristã supracitada. A necessidade de “purificação” de Maria se dava sob exigência da lei mosaica, em que a mulher era considerada impura após o parto, e deveria realizar um rito de purificação no templo de Jerusalém, quando também apresentava seu filho recém-nascido, a fim de que fossem integrados ambos à comunidade oficialmente. Essa tradição ocorria cerca de quarenta dias após o nascimento da criança. No templo, a purificação consistia em orações e em um sacrifício, de um cordeiro para os mais ricos e de dois pombinhos, para os mais pobres, o que Maria, segundo a tradição, realizou. No sermão, o frade franciscano inicia sua narrativa invocando uma etimologia simbólica do nome Maria, o que vincula o significado de seu nome ao mundo natural.

Sua figura simbólica como “senhora” (*domina*) resgata o imaginário de uma sacralização do gênero feminino na tradição cristã, assim no sermão é apresentada como:

ECO-REBEL

Maria, nome que significa “iluminada”, ou “mar amargo”, ou também “senhora”, representa a alma do justo, iluminada no batismo; é mar amargo pela contrição do coração e as aflições do corpo, e será senhora no reino, quando for unida ao eterno Soberano (ANTÔNIO, 2019, I, 3).

O retorno de uma figura simbólica feminina na tradição cristã medieval também pode marcar o retorno das mulheres à prática comunitária da religião, nesse contexto cultural e histórico específico. Note-se que a pesquisa etimológica, mais de valor simbólico, do frade franciscano, revela uma vinculação da imagem simbólica de Maria com o mundo natural, como “iluminada”, o “mar amargo”, e, por fim, “senhora”, se combinarmos os três atributos, encontramos uma senhora-iluminada-do mar amargo, uma vinculação da imagem simbólica feminina com o mundo natural, sobretudo com a luz e os mares.

A imagem simbólica da abelha surge a seguir, em analogia com a imagem da purificação de Maria. Essa imagem, como uma éfrase, origina-se no sermão a partir da referência à *Historia Natural*, tanto da Física aristotélica quanto das obras de Plínio, o Velho (23 – 79 d.C.), filósofo romano, que eram as fontes comuns para o estudo sobre o mundo natural no período medieval em que o frade franciscano viveu. A alegoria relacionada à abelha está nas partes *IV – Sermão Alegórico* (9 e 10) e *V – Sermão moral* (11 e 12), que integram o sermão. De modo geral, a interpretação simbólica da abelha na tradição cristã se deu pela cultura judaica do *Antigo Testamento*: “9. A abelha é pequena entre os seres que voam, mas seu produto tem a primazia entre todos os sabores doces. É uma sentença do *Eclesiástico* (Eclo 11,3)” (ANTÔNIO, 2019, IV, 9), conforme o sermonista. A interpretação judaica do mundo natural denota a “pequenez” da abelha, desproporcional à primazia de seus produtos, o mel e a cera, o que será interpretado pela “*humilitas*” latina, a humildade cristã, um atributo que se vincula à imagem simbólica de Maria também.

Vejamos a passagem:

A História natural diz que a abelha gera sem coito, porque a força geradora está nela. A abelha de boa raça é pequena, redonda, sólida e compacta. A abelha é mais limpa do que os outros voláteis ou animais e, por isso, o mau cheiro a perturba, enquanto o cheiro bom a atrai. Não afugenta animal algum e quando voa não procura flores diferentes e não passa de uma flor a outra, saltando alguma delas, mas segundo sua necessidade faz a coleta numa flor e depois retorna para a colmeia. Seu alimento é o mel, porque vive daquilo que

ECO-REBEL

produz. Faz a casa na qual possa habitar o rei (a rainha) das abelhas. E sobre as paredes da colmeia começa a construir do alto, e nunca cessa de trabalhar, descendo pouco a pouco até chegar na parte mais baixa (ANTÔNIO, 2019, IV, 9).

Uma nota interessante que podemos ler sobre a tradução do Frei Ary E. Pintarelli, que estamos empregando diz respeito à passagem: “Faz a casa na qual possa habitar o rei (a rainha) das abelhas”, que no original latino possui a seguinte redação: “*Et facit domum, in qua stet rex*”, podemos notar que aqui o termo “*rex*” no latim medieval não foi empregado no sentido do gênero masculino, o “rei”, como no latim clássico, em que o termo “*regina*” (rainha), foi criado com um neologismo para marcar a presença feminina no poder real. O tradutor optou por uma solução de traduzir o termo *ipsis litteris*, mas tendo apresentado a ideia contemporânea de abelha-rainha, por sua analogia com a imagem de “*Domina nostra, beata Maria*” (Nossa Senhora, Virgem Maria). No sermão, Maria é comparada a uma “*bona apis*” (uma boa abelha), por seu papel no desenvolvimento do cristianismo. Sua pureza simbólica e alegorizada, derivada de uma cultura de matriz judaica, era sincretizada com a tradição latina, com uma retomada de valores simbólicos romanos também presentes na tradição das vestais, mas reinterpretados sob uma nova ótica, em Portugal no período medieval.

Na continuidade do sermão, a abelha metaforicamente passa a simbolizar o cristão justo, independente de gênero: “A abelha pequena, isto é, o justo humilde, tem condições de realizar obras maiores”, essa imagem de cunho moral reflete uma antítese, de que as maiores obras derivam dos menores, o que está vinculado à mística dos frades franciscanos, desde a sua fundação. Por outro lado, a abelha é comparada também à mosca, como a comparação entre o justo e o injusto. Assim como há também a “abelha ornada”, isto é, aquele que se perde por conta da vaidade, logo esse debate que é generalizado não possui mais a marcação de gênero e se apoia na universalidade filosófica da doutrina cristã medieval. No Brasil, a Festa da Purificação do dia 2 de fevereiro sincretizou-se a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, muito cultuada em regiões litorâneas de imigração portuguesa e de colonização, posteriormente adaptada e sincretizada aos costumes populares das religiões de matriz africana.

4. A recepção épica em S. José de Anchieta: defender a colmeia

As abelhas acompanham as culturas humanas há séculos, e essas interações entre o mundo natural e o mundo social desenvolveram diversas interpretações simbólicas e alegóricas, como buscamos

ECO-REBEL

demonstrar, inclusive, relacionada a questões de identidade do gênero feminino, o que nos levou a uma leitura da representação de Maria como a “boa abelha”, operária da colmeia, segundo o sermão franciscano de Portugal. Essa relação entre as abelhas e a espécie humana é quase uma simbiose, pois ambas as espécies são interligadas, para uma existência sustentável no território que comporta os diversos povos humanos, e em praticamente todas as culturas há uma percepção dessa interação. Ainda no contexto de interpretação de uma obra de arte sacra, vejamos o seguinte exemplo de nosso estudo.

Nossa próxima análise de recepção, nessa jornada interpretativa ecolinguística, nos traz ao Brasil do século XVI, ainda no período colonial, sobretudo às obras contidas no manuscrito de Algorta, escritas em latim por José de Anchieta, missionário jesuíta e humanista do Renascimento, da qual nos interessa o poema épico *De Gestis Mendi de Saa* (Os feitos de Mem de Sa). Como um “homem de letras” de sua época renascentista, Anchieta era conhecedor da *Eneida* e das *Geórgicas* de Virgílio, que tiveram recepção das obras gregas de Homero e de Hesíodo (HEIST, 2016). Assim, como teólogo quinhentista que imigrou para o Brasil na qualidade de missionário, era possível conhecedor das tradições franciscanas também, inclusive as festas e celebrações litúrgicas que eram vinculadas à cultura popular de Portugal e à navegação. Duas obras suas são de interesse sobre o tema, o poema épico *De Gestis Mendi de Saa* (Os feitos de Mem de Sá), que emulou a *Eneida* de Virgílio, e o poema elegíaco *De Beata Virgine Dei Matre Maria* (Poema da Bem-Aventurada Maria, Mãe de Deus). No poema elegíaco, que descreve a vida de Maria, há uma passagem sobre a festa da purificação, intitulado: *De Purificatione Virginis Mariae* (A purificação da Virgem Maria) (ANCHIETA, 1991), que trata da mesma tradição citada no sermão medieval franciscano, todavia, nesse poema de Anchieta, não há nenhuma referência simbólica à abelha, como no sermão supracitado.

Já o poema *De Gestis Mendi de Saa* apresenta a alegoria homérica e virgiliana da colmeia em um ambiente da poética épica clássica, ou humanística. Anchieta descreve o exército de colonos e indígenas como uma colmeia, isto é, a colônia era uma colmeia, e em uma passagem belicosa, em um combate contra povos indígenas, os soldados eram comparados a zangões que defendiam essa colmeia. A narrativa sob a cultura colonial, e a poética épica, apresenta uma visão idealizada do que foi um genocídio étnico dos povos originários causado pelas atividades mercantis de colonização, sendo também um registro de conotações negativas das interações entre as comunidades que formavam o Brasil do século XVI. A violência colonial foi representada, nessa

ECO-REBEL

cultura humanística do Renascimento, com o apoio da imagem natural das abelhas como veremos na passagem do texto quinhentista, que se remete mais a Homero do que a Virgílio. Vejamos o texto (ANCHIETA, 1986, p. 171-172, versos 1804-1832), na tradução do filólogo Armando Cardoso:

Arrebatados de ardor, os peitos selvagens suspiram
pelos belos riscos da guerra. Inflama-se além do ordinário 1805
a mocidade lusa. Anseiam partir e domar essas hordas
com o braço carregado de vingança. Rufam tambores
em rouco som. Ajustam-se as armas: ao peito a couraça,
o capacete à frente. Enverga este uma pele de anta,
aquele se envolve em malha de liso algodão 1810
que frustra o corpo ao golpe das setas velozes.
A maior parte não carrega o corpo com armas algumas
para livre de peias poderem seguir no encalço
aos inimigos em fuga e alcançá-los em corrida ligeira.
Cintilam as espadas e os chuços de larga ponta de ferro, 1815
os escudos de couro e de metal luzidio. Irrequieto,
o cavalo morde o freio, aspirando auras de guerra.
Tudo se alvorota: o furioso ardor guerreiro se apossa
da cidade inteira, cada qual se entrega à respectiva tarefa
diligente: tine por toda a parte o ferro das armas. 1820
Tal qual na primavera, quando o céu se lava de nuvens,
saem dos fundos cortiços as abelhas em busca das flores
e por aqui, por ali recolhem contentes o pólen,
zumbem entre as ervas e, felizes com as patas douradas,
voltam para a colmeia, onde distilam o orvalho suave, 1825
o mel para o próximo inverno: tudo é vida e trabalho
na faina alegre do lar. Rouqueja a escura oficina;
todas se aplicam à labuta, cada qual no seu posto:
cuidam estas das crias, aquelas do mel destilado,
Outras afastam os zangãos que indolentes descurom 1830
Todo trabalho, e, para gastar-lhes o mel que devoram, 1830a
se metem entre as abelhas procurando esconder-se, 1830b
mas elas os detém e fincando-lhes os ferrões os destroçam, 1830c
e em linhas cerradas até aos umbrais da porta de entrada

ECO-REBEL

varrem os cadáveres dos infelizes vencidos.

A imagem de um combate colonial entre povos originários indígenas e os colonizadores europeus é alegorizada como o combate em uma colmeia entre abelhas e, supostamente, vespas. Essa alegoria, ao gosto da poética renascentista, resgata o caráter bélico das abelhas, tendo a comparação do seu ferrão com as armas de guerra e com a justiça cristã. Note-se que o humanismo cristão do Renascimento não era ainda um humanismo integral, logo era excludente quanto às culturas indígenas, por exemplo. Tanto os indígenas quanto os colonizadores preparam-se para a guerra, na narrativa poética épica do século XVI, e o seu combate remete-se ao combate entre abelhas disputando as flores da primavera. Nesse sentido, a alegoria resgata a analogia entre o MA – Soc, a sociedade, e a colmeia. Essa comparação deriva de uma estética antiga, já empregada pelos poetas épicos greco-latinos, e aqui retomada por Anchieta, como analisado. A guerra era vista como um “mal” que buscava defender um “bem”, isto é, o ferrão da abelha era uma defesa para o mel. Todavia, como se trata de uma narrativa na cultura colonialista, essa disputa pelo território configurava-se como uma violência para os povos originários que habitavam a região, disputada no projeto colonial, como um campo para o estabelecimento de uma nova “colmeia”, uma nova sociedade no território.

Conclusão

A partir de nossa análise crítico-interpretativa, pautada sob a ótica teórica da Ecolinguística, este artigo explorou a continuidade e a transformação da alegoria da colmeia, um *tópos* poético que atravessou a Antiguidade Clássica, a Idade Média e a Idade Moderna, como visto em dois exemplos textuais. Esta alegoria, que compara as sociedades humanas às sociedades das abelhas, tem suas raízes no pensamento greco-latino, e era presente também no Egito antigo. O estudo focou em dois textos históricos significativos da tradição cristã ocidental: um sermão medieval de S. Antônio de Coimbra e um poema de S. José de Anchieta, escrito no Brasil do século XVI. A análise revelou como esses textos utilizaram a metáfora da colmeia para abordar questões sociais, e mesmo espirituais, refletindo as preocupações e valores de suas respectivas épocas, que registraram a contínua relação entre os seres humanos e as abelhas.

A interpretação foi contextualizada pela visão ecológica contemporânea, proposta pela encíclica papal *Laudato Si'*, publicada em 2015, que não cita diretamente a interação entre as abelhas e as

ECO-REBEL

sociedades humanas, mas aborda indiretamente o tema ao comentar a necessidade de revisão de uma perspectiva cultural antropocêntrica. Esta encíclica, que trata da interconexão entre ecologia e justiça social, forneceu um contexto contemporâneo para reavaliar a relevância da alegoria da colmeia, como uma das bases para a formação de nosso pensamento social e ecológico. Observamos que, ao longo dos séculos, a metáfora manteve sua capacidade de representar a organização social ideal, além de ilustrar a interdependência entre os indivíduos e a comunidade, um conceito que ressoa fortemente com a mensagem ecológica e ética da encíclica *Laudato Si'*. Concluimos que a alegoria da colmeia não apenas persiste como uma poderosa ferramenta retórica e poética, mas também oferece uma ponte entre antigas concepções de harmonia social e as modernas preocupações ecológicas. Esta continuidade e adaptabilidade demonstram a resiliência da metáfora, permitindo que diferentes gerações a utilizem para expressar suas visões de mundo e desafios sociais. A análise dos textos de Santo Antônio de Coimbra e São José de Anchieta, à luz da encíclica *Laudato Si'*, sublinha a importância de revisitar e reinterpretar tradições literárias e filosóficas à medida que buscamos respostas para as questões ecológicas e sociais contemporâneas. A alegoria da colmeia, portanto, permanece relevante, proporcionando uma rica interseção entre passado e presente, e entre a metáfora literária e a realidade ecológica.

Referências

ANCHIETA, José de. *De Gestis Mendi de Saa*. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

ANCHIETA, José de. *De Beata Virgine Dei Matre Maria*. São Paulo: Loyola, 1991, 2 v.

ANTÔNIO, Santo. Sermões de Santo Antônio. Tradução de Frei Ary E. Pintarelli, OFM: Vozes, 2019. Disponível em: <https://www.ofmsantoantonio.org/noticia/sermao-de-santo-antonio--a-purificacao-de-nossa-senhora-2023-01-31-08-09-50/>

ANTÔNIO, Santo. *Sermões em latim*. Disponível em: <https://www.centrostudiantoniani.it/elenco-sermoni>.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, grito da Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra*. Ed. ver. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2015.

ECO-REBEL

CHAN, Hiu Ki. Sicut Apis Operosa: Honey, Bees and Chastity in the Early Medieval World. *Exposition*, No. 45, Taipei, National Taiwan University, 2021, p. 47-63.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si*. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

HEIST, Sara. Insight into the Community: Bee Similes in the Iliad and the Aeneid. *Montview Journal of Research & Scholarship* 2, article 6, 2016, p. 1-13.

KALTNER, Leonardo F.; SANTOS, Melyssa C. S. dos. History of Linguistic Thought and Grammar Praxis in Brazil: It Possible to Periodize?. *Cadernos de Linguística*, [S. l.], v. 4, n. 1, 2023. DOI: 10.25189/2675-4916.2023.v4.n1.id679. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/679>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MUKSAWA, Adam. *Ancient Egypt and Nubia fully explained*. New York: Adam Muksawa, 2023.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. *Laudato Si': Um presente para o planeta*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2016.

Aceito em 20 de março de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 1, 2025.